

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO PEDAGOGIA LICENCIATURA

Ana Paula Rodrigues de Oliveira

**"Se Merion estivesse aqui...": Biografando a história de uma docente da
FACED/UFRGS (1965 - 2013)**

Porto Alegre
1º Semestre
2017

Ana Paula Rodrigues de Oliveira

**"Se Merion estivesse aqui...": Biografando a história de uma docente da
FACED/UFRGS (1965 - 2013)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Comissão de Graduação do Curso de
Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de
Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial e
obrigatório para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Dóris Bittencourt
Almeida

Porto Alegre
1º Semestre
2017

DEDICATÓRIA

Início agradecendo a Deus, pois durante estes quatro anos de graduação, muitas vezes busquei forças na fé para prosseguir.

Aos meus pais, Paulinho e Lucimara, que sempre me incentivaram, desde minha infância. Ao meu irmão, Paulo Gabriel. O apoio deles foi fundamental para que conseguisse concluir este percurso.

Aos amigos que fiz ao longo do curso, Carlos, Evelyn e Mayra, que com certeza me acompanharão ao longo da vida.

Às professoras e professores que contribuíram em minha formação, tanto escolar quanto acadêmica.

À professora Dóris, que conheço desde o primeiro semestre da graduação e, que tive oportunidade de me aproximar quando integrei o grupo do PIBID. Agradeço a confiança que teve ao me orientar neste trabalho.

Aos entrevistados, Balduino, Eunice, Giovani e Leni, que se propuseram a narrar suas memórias sobre a professora Merion, pois foram importantes para a realização da presente pesquisa.

Agradeço imensamente o professor Edison Saturnino e a professora Daniele Noal Gai que se disponibilizaram a fazer parte da minha banca neste momento tão importante da graduação.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo realizar uma primeira biografia da professora Merion Campos Bordas. A pesquisa procura compreender possíveis marcas deixadas por esta docente na Faculdade de Educação e, também, na Universidade, por meio de um conjunto de documentos, privilegiando narrativas orais. O estudo se inscreve no campo da História da Educação e elege como metodologia preferencial a História Oral. A pesquisa discute o conceito contemporâneo de biografia para ressignificar o estudo sobre a vida de professores. Para melhor compreensão dos conceitos de História Oral e biografia, a pesquisa ancora-se nos estudos de Errante, Kaufmann, Schmidt e Pintassilgo & Teixeira, dentre outros autores. Para análise das marcas deixadas por Bordas, construíram-se duas categorias: "Conhecendo sua trajetória: caminhos que conduziram à Universidade" e "Marcas de uma trajetória docente dedicada à Universidade". Por fim, conclui o trabalho conjecturando como seria o cotidiano da Faculdade de Educação se Merion ainda estivesse viva.

PALAVRAS-CHAVE: Biografia. História da Educação. Merion Campos Bordas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Professora Merion Bordas	19
Figura 2. Convite formatura ginásial	21
Figura 3. Diploma de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	23
Figura 4. Recortes de Jornal	24
Figura 5. Certificado de Livre Docente	30
Figura 6. Certificado de obtenção do grau de Doutora	30

SUMÁRIO

1	PERSCRUTANDO UM NOVO CAMINHO	7
2	APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: A BIOGRAFIA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO	15
3	MERION: "PRODUTO E PRODUTORA DA UFRGS"	19
3.1	CONHECENDO SUA TRAJETÓRIA: CAMINHOS QUE CONDUZIRAM À UNIVERSIDADE	20
3.2	MARCAS DE UMA TRAJETÓRIA DOCENTE DEDICADA À UNIVERSIDADE	33
4	CONCLUINDO A VIAGEM	47
	REFERÊNCIAS	49

1. PERSCRUTANDO UM NOVO CAMINHO

“Sem viagem, não há conhecimento. Sempre que se bifurquem os caminhos à tua frente, segue por aquele que tiver sido menos percorrido” (Nóvoa, 2015, p.25).

Trabalhar com a ideia de produzir uma espécie de biografia de uma professora foi um desafio. Comecei uma viagem por um caminho pouco conhecido. Lancei-me em um percurso onde não sabia qual seria o destino final.

Início a viagem lembrando quais foram os caminhos percorridos até chegar a etapa final do Curso de Pedagogia. Foi um momento em que se fez necessário vasculhar lembranças que tinha da graduação para então escolher qual temática iria pesquisar para a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Foi um momento assustador, muitos foram os questionamentos feitos, *o que pesquisar?, quem será o orientador?*, entre outros. Para saber que rumo seguir, realizei uma retrospectiva dos caminhos que percorri na Faculdade de Educação. Procurei refletir acerca dos temas que mais me agradaram, dos professores com quem tive mais afinidade e sempre me vinha a experiência que tive no PIBID¹ Anos Iniciais, quando conheci a professora Dóris, pesquisadora em História da Educação.

Na primeira conversa que tive com a professora Dóris, expus a vontade de pesquisar a história das mulheres no ensino superior. Então, fui desafiada por ela a construir uma primeira biografia de uma professora da Faculdade de Educação (FACED) já falecida, Merion Campos Bordas. Após buscar informações sobre quem foi esta docente, decidi aceitar essa provocação, pois “a possibilidade de produzir um outro conhecimento sobre os professores, mais adequado para os compreender como pessoas e como profissionais, mais útil para descrever as práticas educativas, é um desafio intelectual estimulante” (Nóvoa, 1998, p.24).

¹ O PIBIB é um Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Participei do sub projeto PIBID Anos Iniciais que é coordenado pelas professoras Dóris Almeida e Daniele Noal Gai. Integrei este grupo durante dois anos (2014 – 2016).

Ao decidir o rumo que seguiria ainda restavam-me questionamentos. A principal indagação que nutria era pensar no real sentido de pesquisar a História da Educação, campo de pesquisa pouco abordado na graduação em Pedagogia. Ao iniciar os estudos nesse campo, comecei a perceber que os sujeitos são produtores de história, e conseqüentemente de memórias, e que é válido investigá-las por meio de diferentes fontes.

Estudar a história de vida de uma docente tão marcante, informação constatada a partir da análise dos documentos, se torna significativo nesta etapa do Curso de Pedagogia. Assim como Nóvoa (1995), acredito ser possível “recolocar a vida dos professores como centro dos debates educativos e das problemáticas de investigações” (p.15).

Estive inserida durante quatro anos na FACED, um lugar por onde passaram muitos professores e muitas histórias aconteceram. Sinto que, ao longo da graduação, frequentei as dependências desta faculdade, mas não tive contato com seu passado e é neste momento que me aproximo dele.

Portanto, reforço que o presente trabalho está inscrito no campo da História da Educação e, para realizá-la, farei, sobretudo, uso da metodologia da História Oral, com o propósito de construir uma primeira biografia de uma professora. Dessa maneira, elejo como temática de pesquisa a trajetória profissional de Merion Campos Bordas, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Ao decidir trabalhar com biografia, percebi que teria que me apropriar deste conceito. As biografias a que tive acesso, “normalmente, buscavam ou louvar ou denegrir os personagens enfocados [...] já os trabalhos recentes procuram fugir desse viés apologético” (SCHMIDT, 2000, p.55) trazendo à tona a vida de pessoas comuns. Por meio da investigação da história de vida de uma professora, foi possível que me aproximasse do passado da FACED e também pude fazer articulações com a história do Brasil, em outras temporalidades. Tudo isso viabilizou situar os acontecimentos de sua trajetória no tempo histórico.

A pesquisa tem por objetivo construir o percurso profissional percorrido por esta intelectual da educação da UFRGS, sobretudo dentro da FACED. A

professora Merion esteve presente e atuante na UFRGS desde 1965, antes mesmo da constituição da Faculdade de Educação. Seu primeiro vínculo profissional com a Universidade foi como docente do Colégio de Aplicação, após lecionou no Curso de Pedagogia, quando este ainda pertencia à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Em 2013, desligou-se oficialmente da Universidade, por meio da aposentadoria.

A narrativa de Eunice Kindel, que introduz o título deste trabalho, é inspiradora para poder falar acerca das memórias referentes a Merion. Segundo Eunice, ao falar tal frase, referia-se à apatia das pessoas diante da greve dos docentes em 2015. Para ela, se Merion estivesse presente na FAGED os acontecimentos teriam caminhado por outro rumo. Haveria uma maior inserção dos docentes, pois Bordas os chamaria e cobraria para que discutissem o momento que estavam passando.

No presente trabalho, pretendo apresentar ao leitor os itinerários percorridos por essa professora na UFRGS. Para tanto, tive acesso a diferentes fontes de pesquisa: uma entrevista com Merion Bordas e Balduino Andréola, publicada na Revista Educação e Realidade (2010); entrevistas com docentes da FAGED², em que pude observar a recorrência a seu nome; uma reportagem do Jornal da UFRGS que narra, genericamente, sua trajetória; alguns documentos (convite de formatura do ginásial, notas de jornal onde aparecem seu nome, certificados e algumas fotos variadas), que foram arquivados pela própria professora Merion, doados por sua filha. Cabe destacar que neste conjunto de memórias orais arquivadas, encontra-se uma entrevista que foi desenvolvida com Merion Bordas, em 2012. Tal narrativa tem um significado especial para esta pesquisa. Por fim, produzi quatro entrevistas com pessoas que tiveram, em diferentes situações, suas vidas cruzadas com a da professora, objeto deste estudo.

Quando tive contato com o pacote que continha os documentos arquivados por Merion, algumas perguntas me assolaram. Destaco aqui as

²As entrevistas estão no Acervo de Memória Oral no Arquivo da FAGED e fazem parte do projeto de pesquisa criado no ano de 2011, pela professora Dóris Bittencourt Almeida, que vendo os documentos históricos da Faculdade de Educação estavam mal armazenados e assim, sendo deteriorados com o passar do tempo, criou este projeto a fim de preservar as memórias e as histórias da FAGED.

principais: Por que Merion teria arquivado estes documentos? Qual o significado que tinham pra ela? E por que não guardou outras coisas? Após ler os impressos e observar as fotografias, percebi que todos tinham o nome de “Bordas”. Busco inspiração em Aritères, quando diz que, ao guardar determinadas materialidades e não outras, “fazemos um acordo com a realidade” (1998, p.11), não se arquivam qualquer papel, são respeitados critérios pré-estabelecidos pelos arquivadores, motivados, em grande parte, pelos afetos. Assim, encontrei certificados de conclusão de cursos, de participação em eventos, recortes de jornais, fotografias, convite de formatura.

Nestes documentos, seu nome é citado. No convite de formatura, ela foi oradora da turma e os dois recortes de jornal referem-se a momentos relacionados a magistratura. Acredito que, para Merion, estes documentos eram permeados por memórias. Provavelmente, ela os guardou para rememorar alguns momentos que considerava importantes.

Nas entrevistas realizadas com docentes da FACED, para o Arquivo da Faculdade, mesmo não sendo o foco do que estava sendo solicitado, em algum momento, falaram espontaneamente sobre Merion. Foi evidenciada a importância desta professora para os entrevistados. Dos 15 docentes que se propuseram a partilhar suas memórias, 12 citaram, por sua vontade, o nome de Bordas. Escolhi duas falas de professores para elucidar o que foi dito sobre esta docente. Fischer (2012) relembra que “Merion Bordas tinha o primeiro projeto popular que era o PERICAMPUS” e para Franco (2012) “[...]talvez a pessoa mais marcante neste período em que eu vivi a FACED foi a Merion, ela é uma pessoa que tem uma visão de universidade ampla [...] quem mais abriu a FACED pra fora foi a Merion e o Nilton [...]”.

A partir da análise da documentação que reuni, constatei que esta docente, nos 43 anos em que esteve presente na FACED, produziu uma espécie de identidade para esta unidade da UFRGS. Kindel (2017) define Merion “como [...] a dona da casa, digamos assim, a dona desse espaço, não dona no sentido de propriedade, dona no sentido de dar uma identidade, de dar uma cara pra esse lugar, dar uma cara de lugar combativo, lugar de luta”.

Algumas perguntas guiaram o processo inicial de pesquisa, são: Quem foi Merion Campos Bordas?, Quais seus itinerários até se envolver com o ensino superior?, Quais as trilhas percorridas na UFRGS?, Quando ingressou na FACED? e Como foram as relações que estabeleceu com colegas e com estudantes?

Na busca por respostas a essas questões iniciais, produzi quatro entrevistas, pois “a entrevista enquanto suporte de exploração [compreensiva] é um instrumento flexível nas mãos de um pesquisador atraído pela riqueza do material que está descobrindo” (KAUFMANN, 2013, p. 37). Para realizá-las, precisei decidir quem seriam aqueles que formariam o grupo de informantes. O critério para seleção obedeceu certa intencionalidade. Era preciso que os escolhidos tivessem convivido com a professora Merion, em diferentes situações, nos anos em que esteve presente na FACED. Na tabela abaixo, apresento os entrevistados:

ENTREVISTADO	NÍVEL DE PROXIMIDADE COM MERION BORDAS
Balduino Andreola	Colega de longa data
Eunice Kindel	Colega mais jovem
Giovani Lock	Técnico administrativo da FACED
Leni Dornelles	Aluna, colega e amiga

Balduino Andreola, Leni Dornelles e Eunice Kindel são os professores que escolhi e se dispuseram a narrar suas memórias referentes à convivência com Merion Bordas. Além deles, a conversa com Giovani Lock, técnico administrativo da instituição. Todos foram escolhidos, pois com eles conseguiria informações importantes a respeito da pesquisada. Sirvo-me de Errante (2000) quando diz que as “Narrativas revelam o alinhamento dos narradores com certos indivíduos, grupos, ideias e símbolos através dos quais eles externalizam seus maiores valores, qualidades positivas e de orgulho para si mesmos” (142).

Ao escolhê-los, e após realizar as entrevistas, percebi os significados da convivência com Merion para cada um deles. Trouxeram à tona lembranças que possuíam dela e, também, compartilharam comigo recordações de momentos que dividiram juntos. Consegui perceber as impressões deixadas por ela em cada um desses narradores.

As entrevistas foram realizadas na Faculdade de Educação, lugar que os narradores consideraram mais adequado. Cada encontro teve duração de aproximadamente 55 minutos, onde cada um pode rememorar suas lembranças referentes à Merion. Para guiar nossos diálogos elaborei uma grade de perguntas que continham onze questões. Este foi “um guia muito flexível” (KAUFMANN, 2013, p. 74). As perguntas foram as seguintes:

- 1) Em qual situação conheceu a professora Merion?
- 2) Saberá narrar a trajetória da prof. Merion na universidade?
- 3) Como foi o período que a professora Merion ocupou o cargo de diretora da faculdade de educação?
- 4) Vocês trabalharam juntos? Em que situações?
- 5) O que será que fez da professora Merion uma pessoa tão marcante para a FACED?
- 6) Como era a relação dela com os docentes? E com seus alunos?
- 7) Como foi a participação da professora Merion na pós-graduação? Sabes quais temas ela orientava?
- 8) Qual a importância que do *pericampus* para FACED? E quais os reflexos que este projeto interdisciplinar tem para a faculdade? Quais outros projetos ela implantou na UFRGS?
- 9) Sabes quais eram as concepções políticas e as concepções educacionais da professora Merion?
- 10) Como a professora Merion era fora da universidade?
- 11) E para encerrarmos nossa entrevista: o que mais gostaria de falar sobre a professora Merion que consideras importante constar em sua biografia?

O primeiro que se dispôs a contar suas memórias referentes à professora Merion foi Balduino Andreola. Foi professor titular da Universidade entre 1978 – 1996, também diretor da Faculdade de Educação entre 1988 – 1992. Para ele, Merion foi “uma pessoa que soube fazer a síntese entre o cérebro e o coração” (2017).

A professora Eunice foi a segunda entrevistada. Ela não conviveu diretamente com Merion. Ao lembrá-la, relatou: “Ela sempre circulava, estava falando com todo mundo, sempre muito braba, braba no sentido de combativa”(2017). Ao longo da entrevista, pude perceber a admiração e alegria com que falava da professora, objeto deste estudo.

Entretanto, o diálogo mais emocionante que tive foi com a professora Leni, possivelmente pelas intensas relações que nutria com Merion Bordas, afinal foi sua aluna, colega e amiga. Quando pedi para narrar como era Merion fora do espaço de trabalho, Leni se emocionou e disse: “Ela me faz falta, sabe quando tu elege alguém pra ser o teu suporte, assim, teu suporte intelectual, teu suporte de vida, de alguma forma nós nos elegemos” (2017). A partir desta entrevista, comecei a compreender melhor o que significou esta docente para os que conviviam com ela. Fiquei pensando no que será que tornava Merion uma produtora de marcas nas pessoas com que se relacionava.

Mas não apenas as relações entre Leni e Merion se mostram fecundas. Vejo que para Giovani também a convivência com Merion foi intensa. Para o narrador, ela “era uma pessoa completamente livre de preconceitos ou procurava se liberar deles” (2017). Trabalharam mais próximos durante oito anos, quando ela ocupou o cargo de diretora da FACED.

Ao avaliar as quatro entrevistas, percebi o brilho nos olhos de cada narrador, ao rememorarem as lembranças que tinham da professora. Poder escutá-los também importou para mim, afinal, eu, até aquele momento, pouco sabia sobre a história dessa professora que trabalhou por mais de 40 anos na UFRGS. As pesquisas que fiz sobre ela, me apresentaram uma docente sempre atuante, que era muito comprometida politicamente com a educação. Esteve à frente de inúmeros projetos ao longo de sua carreira. Os entrevistados destacaram três Programas em que a atuação dela foi decisiva:

Programa de Integração Universidade e Escolas de 1º Grau de Periferia Urbana da Grande Porto Alegre (PERICAMPUS), Programa de Atividades de Aperfeiçoamento Pedagógico (PAAP) e o Projeto de Educação à Distância (PEaD) na FACED. Estes foram importantes, pois deram maior visibilidade a Faculdade e também representavam as concepções educacionais que ela possuía.

Na sequência do presente trabalho, apresento uma discussão de base teórica que acompanhou o processo da investigação. Realizei um debate acerca dos conceitos de história da educação, metodologia da história oral, bem como procurei refletir sobre o conceito contemporâneo de biografia. A partir do que os entrevistados disseram sobre Merion, senti a necessidade de conhecer os diferentes momentos da vida desta docente. Então, apresento os fatos de sua vida, entrecruzando com outros documentos no intuito de reconstruir sua trajetória profissional e escrever uma primeira biografia sobre ela. Também procuro compreender as marcas que deixou na Faculdade de Educação e na Universidade.

2. APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: A BIOGRAFIA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

Para realizar a presente pesquisa, precisei desenvolver leituras que me aproximassem do objetivo deste estudo. Relembrando o objetivo principal que é construir o percurso profissional percorrido pela professora Merion Bordas na UFRGS, sobretudo dentro da FAGED. Para isso, se fez necessário que compreendesse o que é História da Educação, também me aproximei da metodologia da História Oral e do conceito contemporâneo de biografia.

Iniciei o trabalho buscando compreender o que é História da Educação, ancorando-me em Nóvoa e Stephanou & Bastos (2009). Para Nóvoa (2009)

Não há história da educação sem a mobilização rigorosa dos instrumentos teóricos e metodológicos da investigação histórica. Mas também não há história da educação sem um pensamento e um olhar específico sobre a realidade educativa e pedagógica. (NÓVOA, 2009, p. 9)

Foi necessário que compreendesse este campo teórico para que a pesquisa fluísse com leveza. Stephanou & Bastos (2009) comparam o trabalho do historiador com o de um pescador de pérolas e corais que desce ao fundo do mar “para extrair o rico e o estranho, as pérolas e o coral das profundezas, e trazê-los à superfície” (p. 416). Da mesma maneira, voltei para o passado da FAGED perscrutando a vida de professores que ali estiveram e trazendo à superfície o nome Merion Campos Bordas.

Assim, penso que vale adensar o que se entende pelo gênero biografia, a partir de suas relações com a História. Segundo Pintassilgo & Teixeira (2016), assiste-se a uma mudança de perspectiva no gênero biográfico, antes eram apenas os “grandes homens”, via de regra, brancos, cristãos, europeus, representantes das elites políticas e econômicas aqueles que teriam direito a terem suas vidas narradas. Contemporaneamente, valorizam-se as singularidades das trajetórias de pessoas comuns para serem biografadas,

concepção esta que se afasta do passado, em que eram mitificadas as *figuras ilustres*.

Portanto, percebe-se que durante muito tempo tal gênero “foi olhado com desconfiança pelos historiadores profissionais” (p.57), mas, nas últimas décadas, atrelado às profundas transformações que atingem a historiografia, a biografia renovou-se, adquirindo legitimidade como objeto de estudo da História. Pintassilgo e Teixeira sintetizam o entendimento da potência do gênero da biografia:

“Não se trata de descrever um percurso de vida tido como transparente em correspondência plena com a suposta realidade de sua existência. Somos sim confrontados com o desafio de reescrever, num certo sentido, uma vida, de reinterpretar o sentido de uma existência, sabendo, à partida, que esta assume uma pluralidade de sentidos, os quais lhe são atribuídos pelo próprio biografado, por aqueles que com ele conviveram e agora, num outro plano, por todos aqueles que, a partir de diferentes pontos de observação, procuram compreender o mistério dessa vida, mesmo sabendo que nunca conseguirão penetrar totalmente na sua interioridade” (2015, p. 63-64)

Para desenvolver esta investigação, também foram importantes os estudos de Benito Schmidt acerca do conceito de biografia. Em suas palavras, “busco apenas salientar a importância de se incorporar os subalternos no panteão dos biografados [...] porque estes indivíduos comuns podem permitir outros olhares sobre a história” (SCHMIDT, 2000, p. 54). Faz-se importante colocar em discussão a vida de pessoas comuns, pois elas também são produtoras de saberes, que são importantes de serem pesquisados e apresentados.

Ao trabalhar com biografias se faz necessário ter o cuidado de não reduzir a vivência do biografado a uma “fórmula, a um projeto que se realizou ou não” (PACHECO, 2010, p.226). Facilmente, podemos apenas narrar os fatos de uma vida sem contextualizá-lo no tempo histórico e, o que considero ser o pior, sem levantar questionamentos a cerca do que esta sendo apresentado.

O desejo de escrever a biografia desta docente foi provocado pela professora Dóris. Este foi o “impulso para conhecer o outro” (PACHECO, 2010, p.216) que precisava. Ao iniciar o processo de busca, passei a me alimentar da “adrenalina das descobertas” (PACHECO, 2010, p.216) já que as descobertas são um afrodisíaco para o jovem historiador, assim como aponta Pacheco (2010). Organizo o trabalho no que “chamamos de corte temático, ou seja, uma vida organizada a partir de seus diferentes aspectos e não de seu desenvolvimento temporal” (PACHECO, 2010, p.225). Saliento aspectos que, após a análise das entrevistas e dos demais documentos, considero que foram importantes na trajetória profissional de Merion.

Busquei conhecer a metodologia da História Oral para que conseguisse realizar as entrevistas. Estas foram feitas com pessoas que conviveram em diferentes situações com Merion, pois “o ser humano existe somente dentro de uma rede de relações” (PACHECO, 2010, p. 222). Foi necessário que houvesse esta aproximação para melhor entender o objeto do presente estudo.

Para Errante (2000) “as entrevistas são eventos que contam” onde é possível conhecer mais sobre o objeto pesquisado. Trabalhei com a entrevista do tipo compreensiva, onde

o entrevistador esta ativamente envolvido nas questões, para provocar o envolvimento do entrevistado. Durante a análise de conteúdo, a interpretação do material não é evitada, mas, ao contrário, constitui o elemento decisivo. (KAUFMANN, 2013, p. 40)

No ato em que ocorre a entrevista, é importante que aconteçam interações entre entrevistado e entrevistador. Porém, a etapa mais importante é o momento da análise delas. Nesse ponto, pude fazer o cruzamento das “estórias individuais narradas entre si e com outras publicações e documentos de arquivo” (ERRANTE, 2000, p. 174), qualificando as informações que tinha conhecimento. Também foram importantes as leituras que realizei, pois, dessa maneira, tornou-se mais fácil o momento da elaboração do roteiro da entrevista e, posteriormente, no momento das análises e da escrita. Assim, como aponta Kaufmann (2013), não há um tema radicalmente novo e é necessário se inteirar do que já foi trabalhado.

Neste capítulo, foram discutidos os conceitos que embasaram teoricamente a escrita do TCC. Até este instante, estes eram assuntos desconhecidos por mim. O que se tornou crucial para realizar esta pesquisa foi compreender o que era o conceito contemporâneo de biografia. Sem me apropriar dele, faria um trabalho onde apenas engrandeceria a figura de Merion Bordas, sem contextualizar com o tempo histórico em que os fatos de sua vida aconteceram e sem problematizá-los.

Na próxima seção, inicio a reconstrução da trajetória profissional de Merion. Também faço uma análise dos vestígios deixados por ela na FAGED/UFRGS. Para isso, revisei os documentos a que tive acesso, dando maior atenção às entrevistas realizadas com Bordas, que são: da Revista Educação e Realidade (2010) e a do Arquivo do Projeto Memória FAGED (2012). Mas, igualmente importantes foram as realizadas por mim, pois, a partir delas, consegui realizar os cruzamentos entre as informações. Vale salientar que o capítulo seguinte irá desdobrar-se em dois eixos.

3. MERION: PRODUTO E PRODUTORA DA UFRGS.

Neste capítulo, desejo apresentar ao leitor quem foi Merion Campos Bordas. Destaco os caminhos que percorreu até ingressar como docente na UFRGS, seus itinerários na Universidade, procurando identificar as marcas produzidas por ela nesta instituição.

A ideia de entender a biografada como “produto e produtora da Universidade” foi apresentada por ela mesma, em entrevista que concedeu à professora Dóris, no ano de 2012. Assim, considerava-se, pois, depois de seu ingresso no ensino superior não abandonou mais este estabelecimento de ensino, constituindo nesse lugar sua trajetória profissional, que permite defini-la como uma intelectual da educação.

Após pesquisar e conhecer mais sobre a vida desta docente, elegi dois eixos para análise. Estes foram pensados posteriormente à revisita aos documentos a que tive acesso, principalmente as entrevistas produzidas com Bordas, presentes na Revista Educação e Realidade (2010) e no Arquivo do Memória FACED (2012), e também as produzidas

por mim. A partir da leitura e releitura delas, realizei o cruzamento das informações que mais se destacaram e consegui chegar aos dois eixos que apresentarei na sequência.

Primeiramente, apresento ao leitor momentos que considerei importantes da vida da biografada. Procuro contextualizar esses momentos na temporalidade em que aconteceram e busco produzir análises acerca deles. Ao



Figura 1. Professora Merion Bordas
Fonte: Acervo memória FACED

longo do texto, imagens do arquivo pessoal de Merion aparecem no sentido de ilustrar a narrativa

Na sequência, investigo os rastros deixados por ela, como docente, colega, amiga e gestora na FACED/UFRGS. Também falo sobre sua atuação no PPGEDU e destaco os diferentes projetos que elaborou em seu tempo de atuação na Universidade.

3.1 CONHECENDO SUA TRAJETÓRIA: CAMINHOS QUE CONDUZIRAM À UNIVERSIDADE

Para desenvolver este Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como objetivo construir o percurso profissional percorrido pela professora Merion Bordas na FACED/UFRGS, percebi que seria necessário conhecer os acontecimentos que marcaram sua vida. Para isso, revisei seu currículo lattes, li atentamente a entrevista com ela e Balduino Andréola, publicada na Revista Educação e Realidade (2010), analisei a entrevista concedida por ela no ano de 2012, a reportagem do Jornal da UFRGS (2013), também examinei as entrevistas realizadas por mim. Assim, apresento nos próximos parágrafos, de maneira linear e, também, por meio de “cortes temáticos” (PACHECO, 2010, p. 225), destacando fatos que considere mais importantes de sua trajetória acadêmica e pessoal.

Merion nasceu em Pelotas/RS em 20 de julho de 1933, filha de Ana Maria Schmidt Campos e Pedro Campos. O casal teve cinco filhos: Merion, Marise, Maria de Lourdes, Patrícia e Sérgio. Aos quatro anos, aprendeu a ler e, desde então, tornou-se uma ávida leitora. Em suas palavras: “eu realmente adorava ler, sempre fui uma leitora voraz desde os 4 anos de idade, eu aprendi a ler e nunca mais parei” (BORDAS, 2013). O pai era jornalista e devido à sua profissão, Merion passou parte da infância entre Pelotas e Porto Alegre. Em 1943, quando tinha 10 anos, fixaram-se definitivamente na capital.

O pai, Pedro Campos, teve seu emprego prejudicado pela ditadura de Vargas, o Estado Novo. Começou como jornalista muito jovem. Quando se estabeleceu em Porto Alegre, com a família, trabalhou como jornalista nesses periódicos: Libertador, Diário de Notícias e Correio do Povo. Na estada em Pelotas, de 1939 a 1943, foi diretor do Diário Popular, principal jornal da cidade. Por motivos políticos, em função de sua integridade profissional, ele desentendeu-se com o proprietário do jornal e com o próprio prefeito. Merion relembra que

a situação à época era tensa, complicada [...] Estávamos em meio à Segunda Guerra Mundial, e meu pai liderou movimentos populares contra o Eixo e a favor da entrada do Brasil no grupo dos Aliados, o que não era do agrado das autoridades constituídas. Afinal, vivíamos em pleno Estado Novo. Ele ficava ouvindo as notícias no rádio, pela BBC de Londres. Nunca esqueci de ter ouvido o relato da entrada dos alemães em Paris, numa transmissão ao vivo feita da catedral de Notre Dame, quando as pessoas rezavam para que a cidade não fosse invadida (BORDAS, 2013).

Essas experiências levaram Merion a desejar ser jornalista ou escritora, sonho que persistiu até o fim da adolescência. Em 1949, concluiu o Curso Ginásial no Colégio Cruzeiro do Sul³. Entre os documentos arquivados por ela, estava o convite de sua formatura.

³ O Colégio Cruzeiro do Sul esteve em atividade até o ano de 2003. Localizava-se no bairro Teresópolis na cidade de Porto Alegre.

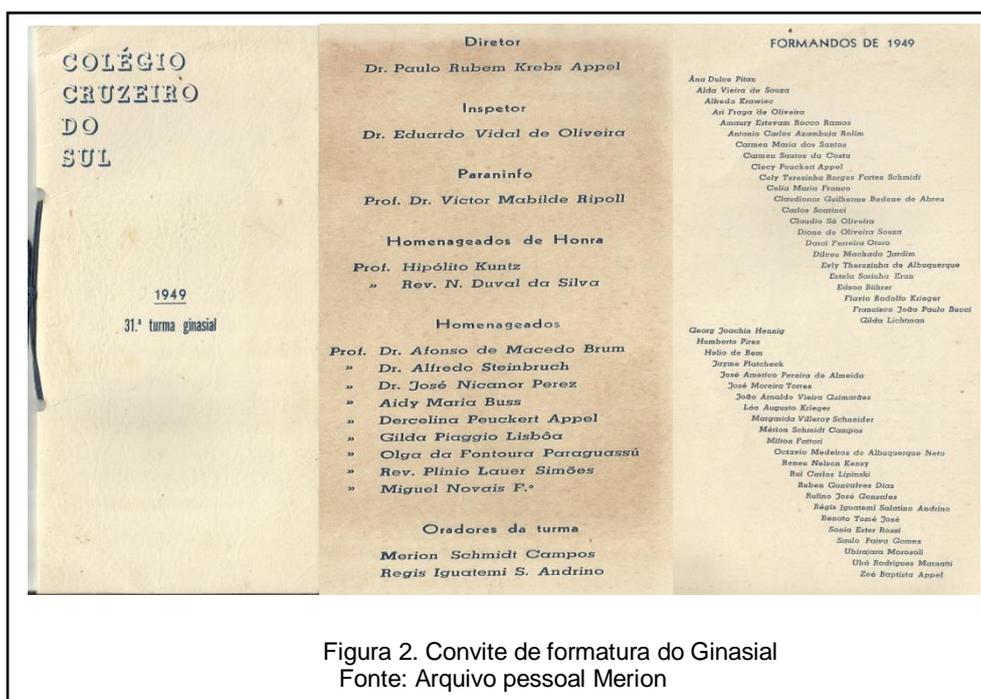


Figura 2. Convite de formatura do Ginásial
Fonte: Arquivo pessoal Merion

Neste documento, o nome de Merion aparece como oradora da turma. Penso que esta deve ter sido uma das razões para que tenha guardado este convite. Ele deveria trazer a ela boas lembranças.

Com dezessete anos, em 1950, começou a trabalhar de dia e estudar a noite porque a família era grande e o pai ganhava pouco. Coursou o Clássico⁴ no Colégio Júlio de Castilho⁵, o *Julinho*. Lembra que quando estudou nesta instituição, foi “num grupo que era assim pioneiro, eu era muito jovem na época, eu era assim a Benjamin do grupo” (BORDAS, 2013). Na época, eram poucas pessoas que trabalhavam e estudavam a noite, seus colegas eram mais velhos e, na maioria, casados. Foram amizades que duraram longos anos.

⁴O Curso Clássico, formação feita por Merion, foi um decreto de lei que entrou em vigor na Era Vargas (1930 – 1945). O decreto-lei n. 4.244 – 9 de abril de 1942, falava que “[...] No curso clássico, concorrerá para a formação intelectual, além de um maior conhecimento de filosofia, um acentuado estudo das letras antigas [...]”.

⁵Foi fundado em 1900, inicialmente com o nome Ginásio do Rio Grande do Sul. Em 1908 foi renomeado para homenagear o político gaúcho Júlio de Castilhos, tornando-se Colégio Júlio de Castilhos, o *Julinho*. Fica localizado na Av. Piratini, entre os bairros Santana e Azenha, na cidade de Porto Alegre. É um dos mais tradicionais colégios da cidade. Até metade da década de 80 tinha seu quadro de professores composto por muitos intelectuais. Foi uma das melhores escolas porto-alegrenses.

A escolha de Merion por fazer o Curso Clássico provavelmente se deu pela vontade que tinha de ser jornalista ou escritora. Esta modalidade ensino secundário fomentava uma formação voltada para uma determinada intelectualidade. Entretanto, considerando a legitimidade do Curso Normal para as filhas da classe média, fico pensando nos caminhos de seu itinerário profissional, pois, apesar de ter decidido pelo Clássico, acabou dedicando-se integralmente à docência. Possivelmente, nesse tempo, o interesse pela Filosofia e pelo Direito começou a ser despertado porque na sequência de seus estudos aprofundou-se nos conhecimentos nessas áreas.

Foi assim que Merion obteve aprovação no Curso de Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no ano de 1953, quando tinha 20 anos. A escolha por esse curso, segundo ela, se deu porque o mesmo tinha frequência livre e isso era importante, pois assim conseguiria continuar trabalhando. Bordas (2012) lembra: “fiz Direito, não que me desagradasse o curso, mas eu não podia estudar num curso que não tivesse frequência livre, e o Direito naquela época era, porque eu trabalhava, não podia assistir aula” (BORDAS, 2012). Trabalhava como secretária da direção em uma empresa que produzia lã.

A Faculdade de Direito, naquela época, sempre foi diferenciada, os alunos não tinham a obrigatoriedade de assistir as aulas. Era necessário que estudassem em casa para realizar as provas. Estas eram por disciplinas, sendo orais e dissertativas. Naquele momento, Merion pode contar com uma grande amiga, que era sua colega, e a mãe dela. De tudo que li, acredito que sem estes apoios, provavelmente não conseguiria seguir cursando a faculdade, pois não tinha dispensa do serviço para que frequentasse as aulas.

Ao longo do curso, teve como professor Armando Câmara, que trabalhava as questões da Filosofia no Direito. Para Merion, ele era “mais filósofo do que professor de direito” (BORDAS, 2012). Esse pequeno encontro que teve novamente com a Filosofia corroborou para a escolha que ela faria quando se formasse, pois destacou na entrevista seu encantamento com a Filosofia.

Entre os documentos arquivados por Bordas, estavam o diploma de conclusão do Curso de Direito (figura 3).



Figura 3. Diploma de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais
Fonte: Arquivo pessoal Merion

Também guardou alguns recortes de jornal. Estes estão relacionados ao período em que a Merion cursou Direito.

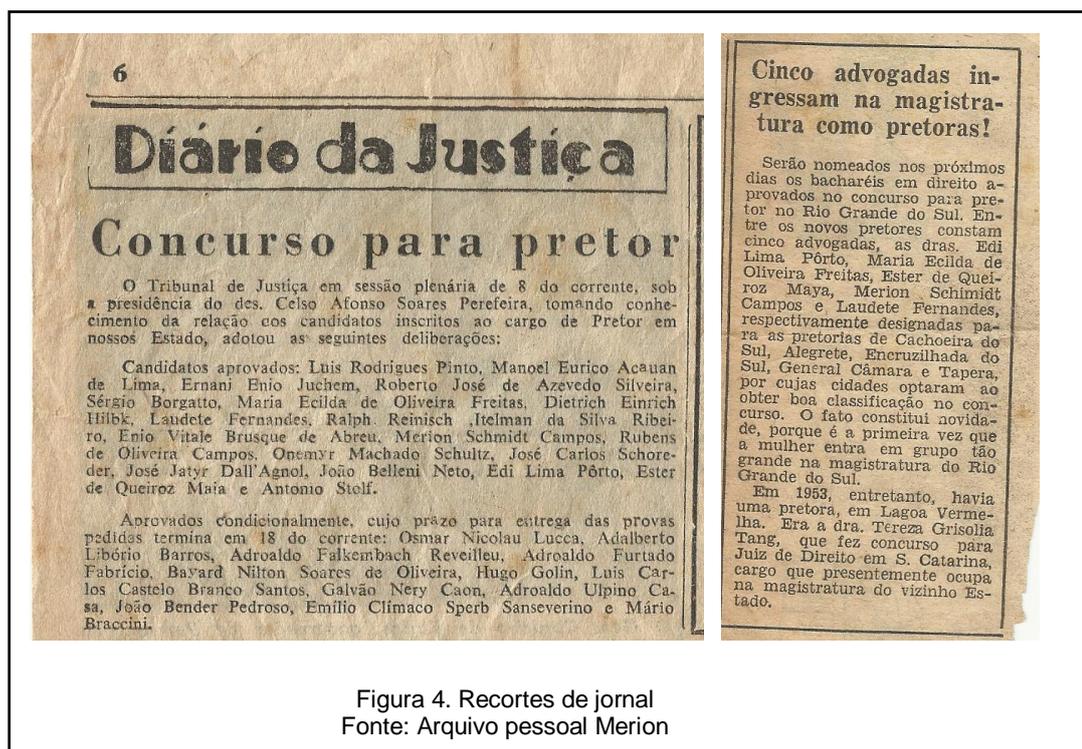


Figura 4. Recortes de jornal
Fonte: Arquivo pessoal Merion

Por meio da observação dessas materialidades, concluo que Merion chegou a prestar concurso para Pretor. Atualmente isso corresponderia a concurso para juíza temporária. Também percebo que ela não chegou a atuar,

pois na entrevista que concedeu ao Arquivo do Memória FAGED Bordas informou que não atuou na magistratura.

Após concluir a Faculdade de Direito, permaneceu um ano sem estudar, sendo aquele, um momento crucial para seu futuro, pois, conforme o que disse, pode pensar em qual direção seguiria sua vida profissional. Acreditava que se seguisse no campo do Direito “teria sido, não uma juíza, mais uma teórica do Direito, isso eu teria gostado... professora de filosofia do Direito” (BORDAS, 2012). Em seguida, posteriormente a esse *ano sabático*, pensou: “tô pra Filosofia”.

Então, em 1959, quando estava com 26 anos, prestou vestibular para a Faculdade de Filosofia, novamente na UFRGS. Ela contou que o vestibular era específico, cada unidade fazia sua prova. Merion também disse que o Curso tinha um currículo diferente: “Bom eu fui pra Faculdade de Filosofia e lá era diferente era o modelo 3 em 1, ou seja, três anos de bacharelado e um ano pra formação pedagógica” (2012).

Num encontro de amigos, em 1962, conheceu Marc Pierre Bordas, um engenheiro francês que concluía sua tese de doutorado no Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS. Dois meses depois se casaram e decidiram que a Europa seria seu lugar de moradia. Merion trancou a matrícula na faculdade, para acompanhar o marido. Permaneceram durante um ano na França, na cidade de Toulouse.

Quando retornaram para o Brasil, no ano de 1964, o casal se inscreveu em um curso de línguas para aprender Russo, pois, segundo ela, consideravam um idioma muito bonito. Mas, apenas a beleza do idioma justificaria a escolha por estudá-lo? É preciso não perder de vista o contexto daquela temporalidade. Provavelmente, o período que moraram fora do país colaborou para que tomassem essa decisão. O mundo passava pelo período da Guerra Fria (1945 – 1991). Suas posições políticas identificadas às ideologias de esquerda possivelmente provocavam uma atração pela Língua falada em boa parte da União Soviética.

Entretanto, ao concluírem o curso, em 1964, começaram a ser perseguidos pelo regime militar. Para Merion, isso aconteceu por dois motivos: “primeiro porque a gente era estrangeiro, depois estudando russo, o que era aquilo?” (BORDAS, 2012). Acredito que ela e o marido devem ter sido considerados “espiões”. Estavam recém-chegados da Europa e poderiam, nesta estada lá, terem se aproximado da União Soviética, induzindo as pessoas com quem conviviam a serem contra a ditadura civil militar.

O ano de 1964 foi marcante para o país, pois se instaurava o período da ditadura civil militar (1964 – 1985). Os militares controlavam a população, aqueles considerados suspeitos eram retirados de circulação para averiguação pelas forças de repressão do Estado. Aquele contexto marcou a trajetória de Merion durante o período de exceção vivido no país. Quando já lecionava no Colégio de Aplicação, e também no ensino superior teve a presença de observadores em suas aulas:

na Faculdade, tínhamos alunos de todos os cursos, e as turmas eram grandes. Então era um lugar propício para aparecerem os “observadores”. No Colégio de Aplicação também. Nós tivemos alunos do segundo grau que foram presos. (BALDUINO & BORDAS, 2010, p. 307)

Alguns temas eram considerados impróprios de serem trabalhados em sala de aula e era função dos “observadores” avisarem as autoridades se isso ocorresse. Foi um período delicado, Merion e os demais colegas precisavam cuidar o que abordavam com os alunos para não serem expurgados⁶ da Universidade.

Também em 1964, com 31 anos, retornou para a Faculdade de Filosofia, para concluir a licenciatura. Era necessário que ela cursasse o último ano, o de formação pedagógica, que era dividida em dois semestres. No primeiro período, lembrou Bordas (2012), eram cursadas “4 ou 5 disciplinas”. Teve

⁶ Este tema dos professores expurgados da UFRGS é analisado no livro “Universidade e Repressão: os expurgos da UFRGS” da ADUFRGS.

como professora Graciema Pacheco⁷, diretora do Colégio de Aplicação (CAp) de 1954 a 1981.

No segundo semestre, foi convidada pela Professora Graciema para realizar seu estágio no Colégio de Aplicação. De acordo com Lima (2016), essa era uma prática de Graciema Pacheco, diretora da instituição, que escolhia entre *as melhores alunas* aquelas que poderiam fazer o estágio no CAp. A razão por ser convidada, nas palavras de Bordas (2012), foi a seguinte: “eu era boa aluna e gostava, e Dona Graciema me convidou para fazer lá, e era uma honra”. Este é um ponto importante na trajetória profissional de Merion. Pode ser definido como uma guinada que lhe aproxima da Educação, por meio do ingresso como docente no Colégio de Aplicação e que a conduz ao Curso de Pedagogia e, na sequência, à Faculdade de Educação, lugar em que permaneceu como docente até sua aposentadoria.

As escolhas dos Cursos de graduação feitas por esta docente demonstram que apostou em uma formação para intelectualidade. Desde sua infância, é possível perceber isso. A partir do momento em que aprende a ler, com quatro anos, tornando-se uma leitora voraz, até o instante que ingressou na Faculdade de Filosofia. Os caminhos que percorreu a aproximaram das salas de aula na educação básica e, posteriormente, da docência e da pesquisa no ensino superior.

Sobre o ingresso como docente, Merion explica: “Em agosto (1965), eu comecei a dar aula no Aplicação. E, logo em seguida, pra Faculdade também [...], que na época ainda não era a Faculdade”. Portanto, em sua fala indica que começou a lecionar no ensino superior para o Curso de Pedagogia quando este ainda fazia parte do Departamento de Educação que pertencia à Faculdade de Filosofia. A Faculdade de Educação (FACED) foi criada na UFRGS em 1970⁸. Interessa ressaltar que essa não é uma prerrogativa apenas

⁷Graciema Pacheco “foi diretora do CAp⁷ de 1954 a 1981, período em que concentrou seus esforços para a manutenção de um tipo de escola voltado a um determinado público. Somente após completar setenta anos, deixou o Colégio de Aplicação” (LIMA, 2016, p.15). Na dissertação da Valeska Alessandra Lima, “Colégio de Aplicação da UFRGS: práticas educativas *adormecidas* entre o arquivo e a história oral”, ela é melhor apresentada.

⁸ Este assunto é melhor analisado no artigo “A constituição da faculdade de educação/UFRGS em tempos de ditadura militar (1970 – 1985)” presente na Revista Tempo e Argumento.

desta Universidade, pois comumente os Cursos de Pedagogia estavam atrelados às Faculdades de Filosofia. De acordo com Celeste Filho:

as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) tiveram a incumbência de se tornarem pólo aglutinador das universidades brasileiras. Esta faculdade deveria conferir unidade à universidade. Esta concepção de universidade integrada pela FFCL foi descartada na década de 1960 pelos principais intelectuais que formularam a Reforma Universitária. O que fazer com as FFCL era, portanto, a questão básica de como se reformar a universidade. (2004, p. 162)

Um dos objetivos da Reforma Universitária era desmembrar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criando novas unidades à Universidade. A discussão sobre ela iniciou em 1960, mas o início da ditadura civil militar atrasou as discussões e ela foi ocorrer somente no final da década de 60. Na UFRGS, a criação da Faculdade de Educação ocorreu somente em 1970. Até esse momento a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras incluía o Departamento de Educação e era nele que estava lotado o Curso de Pedagogia.

Até o ano de 1969, o Curso de Pedagogia formava bacharéis. Estes podiam atuar na administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação escolar. Não era função do pedagogo, até esse momento, ser professor. Atribuo que este foi o motivo pelo qual Merion não quis fazer o Curso de Pedagogia, pois não poderia atuar em sala de aula. Para que pudesse ser professora ela teria que ter feito o Curso Normal ao invés do Clássico.

A partir de 1969, o Curso passou a atribuir o título de licenciado a todo formando. Estes eram “[...] “especialistas” em administração escolar, inspeção escolar, supervisão pedagógica e orientação educacional ao lado da habilitação para a docência nas disciplinas pedagógicas dos cursos de formação de professores” (VIEIRA, 2008, p.7). Merion atuou na FACED desde sua criação, no ano de 1970, quando tinha 37 anos.

A Faculdade de Educação foi uma das primeiras do país a ter o Curso de Mestrado. Isso aconteceu no ano de 1972. Bordas (2010) rememora: “eu lembro muito bem como foi complicado instalar o Mestrado, devido à resistência de alguns setores da administração central da UFRGS” (p. 303).

A criação dos Cursos de Pós-graduação também faz parte da Reforma Universitária. No documentário “Com Dor” (2008), produzido por Giancarla Brunetto, alguns docentes rememoram o período da ditadura civil militar. Duas professoras falaram especificamente sobre este tema, Maria Beatriz Luce e Merion Campos Bordas. Para Luce (2008) este foi um momento onde

[...] apresentaram pro nosso país um desafio de investimento importante na área das universidades, em ciência e tecnologia, diferente do que já acontecia em outros países latino-americanos que aconteceram um pouco antes [...]podemos ver claramente que a reforma universitária, teve um sentido, era central neste processo desenvolvimentista, modernista ela foi uma reforma modernizante.

Bordas (2008) relembra que

Foi uma fase complicada, mas ao mesmo tempo, logo em seguida veio a criação da Pós Graduação, porque isso é uma coisa que não pode ser esquecida, que foi só depois da posse dos militares no governo que se instaurou a pós graduação como uma política, que era uma política de defesa nacional.

Assim, o seu ingresso como aluna da pós-graduação aconteceu no ano de 1972. Fez parte da primeira turma, que era composta, basicamente, por professores do CAP e da Faculdade. A maioria dos professores orientadores eram estadunidenses, o que exigia uma maior dedicação dos discentes, pois os artigos eram todos em Língua Inglesa. Este era um idioma que Merion tinha conhecimento.

Ao longo do Mestrado, continuou trabalhando como docente do CAP e da Faculdade. Naquele momento, seus três filhos já eram nascidos: Jean Marc que hoje é engenheiro agrônomo, Francis que é advogado, pai de Hugo, e Marie Ange que é fotografa e artista plástica. Ao avaliar as falas de Merion, vejo que aquele foi um período atarefado, eram muitas as atividades que precisava dar conta. Sobre esta etapa, assim rememorou:

Eu atuava como professora e tinha três filhos pequenos. Então eu só podia trabalhar pro meu mestrado à noite. Aí eu fiquei duas noites virando [...] Eu tive uma crise mental, eu não conseguia mais nem pensar, nem escrever [...] Mas isso é só para dar o exemplo de como se pode chegar a concluir, como eu concluí: “Não preciso ser mestre... não quero ser nada”. (BALDUINO & BORDAS, 2010, p. 305)

No ano de 1977, Merion adquire o grau de Livre Docente. Para concorrer a ele, era necessário realizar uma prova e também defender uma tese. Bordas (2012) lembra que defendeu sua tese aqui na UFRGS. Após ser-lhe concedido este título também a designaram doutora, pois foi considerada apta. Foi através da análise dos documentos arquivados por Merion e de seu currículo lattes que consegui compreender este momento.



Figura 6. Certificado de Livre Docente
Fonte: Arquivo pessoal Merion

Figura 5. Certificado de obtenção do grau de Doutora
Fonte: Arquivo pessoal Merion

Entre 1981 e 1991, a FACED participou ativamente do Programa PERICAMPUS e seus desdobramentos na Faculdade. No próximo subcapítulo, aprofundo as explicações referentes a este Programa.

Ocupou o cargo de Pró-reitora de Graduação da UFRGS, entre os anos de 1992 e 1996. A Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) tem como função acompanhar o andamento permanente da Universidade. Em seu mandato, umas das ideias que apresentou, foi a de extinguir os departamentos. Essa posição foi exposta por ela em uma das reuniões do Conselho Universitário (CONSUN). Sobre este assunto, Bordas (2010) diz que “havia uma divisão que se conserva até hoje, sem nenhum sentido válido, porque na verdade é absurda” (p.301). A divisão por departamentos são marcas que restaram da ditadura civil militar e se mantêm até o presente momento.

Naquele momento, Merion já os questionava, pois tinha consciência de que eram outros tempos e que era necessário repensar essa divisão. Ela

defendia que o trabalho dentro da Faculdade é interdisciplinar, as disciplinas interagem entre si, propiciando que os professores se aproximem, mesmo sendo de setores diferentes. Portanto, em seu entendimento, não cabiam essas divisões departamentais.

No final do ano de 1996, Merion tinha sido recém-eleita diretora da FACED. Neste mesmo período, também, foi eleita diretora do Fórum de Diretores. O Fórum Nacional de Diretores de Faculdades/Centros/Departamentos de Educação ou equivalentes das Universidades Públicas Brasileiras (FORUMDIR) foi criado no ano de 1992. No início participavam apenas as melhores Faculdades de Educação do país e, como exceção, a Universidade de São Paulo.

Ao assumir o cargo de diretora, em dezembro de 1996, Merion convocou todas as Faculdades de Educação das Universidades públicas para que participassem do encontro. Então entre 1996 e 1997 o Fórum tomou uma proporção nacional. O que até o então era um evento desconhecido pela maioria das instituições, passou a ter visibilidade. Ocupou este ofício ao longo de quatro anos (1996 – 2000). Este foi um período importante, nas palavras de Bordas (2010) “a FACED tornou-se conhecida e reconhecida, pelo Fórum, e em outros lugares” (p.313). Atribuo a Merion esta projeção nacional que a instituição ganhou. Ela possuía uma visão de que as pessoas adquiriam mais saberes quando estavam em contato/conexão. Foi o que ela tentou estabelecer nos anos que esteve à frente do Fórum.

Concomitantemente com o compromisso que tinha no Fórum de Diretores tomou posse do cargo de diretora da Faculdade de Educação. Este fato aconteceu entre os de 1997 – 2000 e 2000 – 2004. Foi a primeira vez que um mesmo diretor foi reeleito na FACED. Até este instante já haviam sido eleitos sete diretores e nenhum exerceu o cargo pela segunda vez. Para mim, Merion foi a primeira a exercer o segundo mandato, pois priorizava a relação com os colegas e também estabeleceu parcerias. O período dela como diretora foi, para Lock (2017) “um período de muito trabalho, muita reforma, então a gente teve reforma de espaços físicos, reformas de organização interna” (LOCK, 2017). De acordo com ele, ela reinseriu a unidade no cenário nacional.

Entre as leituras e pesquisas que realizei, percebi que era uma profissional da educação nacionalmente conhecida, uma verdadeira intelectual da educação. Apresento alguns trabalhos vinculados ao Ministério da Educação (MEC) que estive à frente: foi presidente da Comissão de Especialistas em Pedagogia da SESu/MEC entre 1999 – 2001; entre 2000 e 2008 assessorou o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais na área de avaliação de cursos e avaliação institucional, como membro de Comissões Assessoras para os Exames Nacionais - ENC (Provão) e ENADE. Por suas atuações, concluo que era uma profissional engajada que sempre buscava fazer o melhor nos trabalhos que se propunha a participar.

Merion se aposentou em 2003, aos 70 anos. É válido salientar que esta foi uma aposentadoria compulsória. Dornelles (2017) relembra que “ela recebeu a cartinha dos 70 (anos), apresentou o projeto no outro dia e continuou ligada a instituição via pós-graduação”. Ela continuou fazendo parte do quadro permanente de professores-orientadores do PPGEDU da UFRGS, como colaboradora. Para que continuasse com este vínculo, foi necessário que apresentasse um projeto de pesquisa, que foi: “A polissemia do Curso de Pedagogia e os processos avaliativos do Estado: resistência e busca de uma identidade”. No ano de 2005, esta proposta foi reelaborada e desenvolvida.

A Universidade concedeu a ela o título de Professora Emérita, no ano de 2007. Esta é considerada a maior honraria atribuída a um professor no meio acadêmico. Expressa o quão significativo foram os trabalhos realizados por ela dentro da instituição. A professora Merion foi uma figura marcante enquanto parte integrante do corpo docente da UFRGS. Elaborou projetos e exerceu funções importantes, o que a identificou como uma figura notável na comunidade universitária.

Sua trajetória escolar e a acadêmica foram sempre em instituições públicas. Primeiro estudou no Colégio Júlio de Castilhos e após ingressou na UFRGS, trabalhando no CAP e após seguindo a carreira acadêmica, lecionando no ensino superior. Bordas (2012) se considerava “realmente produto e produtora da UFRGS”. Após concluir seus estudos na Universidade, continuou trabalhando na mesma. Contribuindo com o ensino, pesquisa e

extensão, pois atuou em sala de aula, elaborou projetos e orientou diversos trabalhos na PPGEDU. Dornelles (2017) fala que Merion

[...] foi uma profissional, uma mulher muito dedicada à Universidade, ela entrega a vida dela pra UFRGS. Então, ela vai participar muito das questões administrativas da UFRGS, sem abandonar a sala de aula, ela passa a investir muito na questão administrativa, na criação de projetos, na participação de projetos [...]

No ano de 2013, aos 80 anos, encerrou oficialmente sua trajetória profissional na UFRGS. Em entrevista para o Jornal da UFRGS, Bordas desabafou:

Confesso que esta perspectiva tão próxima me abalou emocionalmente mais do que imaginava, mas acredito ainda ter folego para seguir colaborando com a Universidade e com a educação, esses dois polos essenciais que orientam o meu processo de tornar-me pessoa.

Ao analisar as entrevistas que realizei, constatei que pela professora Merion ela nunca teria se afastado da Universidade. O fator que colaborou para que isso acontecesse foi o tratamento de saúde que estava realizando.

Ao longo de sua carreira, foram 17 Teses de Doutorado e 30 Dissertações de Mestrado orientadas e aprovadas. Aos 82 anos, no dia 1º de setembro de 2015, ela partiu. Após sua morte, restaram muitas lembranças referentes a ela. Foi responsável por formar gerações de pesquisadores e docentes.

3.2 MARCAS DE UMA TRAJETÓRIA DOCENTE DEDICADA À UNIVERSIDADE

No item anterior, apresentei alguns elementos que permitem identificar como ocorreu a construção da trajetória profissional de Merion dentro da FAGED/UFRGS. Nesta seção, debruço-me nos rastros deixados por ela na Universidade e em quem conviveu com ela. Para isso, revisei os documentos

a que tive acesso, principalmente as entrevistas, da Revista Educação e Realidade (2010), as que compõem o Arquivo do Memória FAGED (2012) e as que produzi.

A professora Merion, como relembra Andreola (2010), “sempre foi muito boa de briga” (p.313). Para os entrevistados, ela lutava pelo o que acreditava ser correto, “ela militava com leveza” (LOCK, 2017). Para Kindel (2017), Bordas era “muito atuante e circulante” dentro da FAGED, isso, em sua opinião, a caracterizava como uma pessoa combativa. Tinha suas exigências, mas ao mesmo tempo sua afetividade. Sabia cobrar, mas de uma maneira que não magoava seus colegas e alunos, “tinha uma coisa da franqueza muito forte”, como rememoraram Dornelles e Lock (2017).

Ao analisar as falas dos entrevistados, percebi que Andreola, Dornelles e Kindel (2017) falam sobre o “horário da comunidade”. Estes aconteciam uma quarta-feira por mês e “era ela (Merion) que coordenava esse encontro” (KINDEL, 2017). Era o momento em que a comunidade da FAGED se reunia para debater sobre os assuntos/problemas que ocorriam no campo da educação. Para Dornelles, “a discussão teórica mais genial que teve [...] foi o debate sobre o construtivismo, entre o professor Fernando Becker e Tomas Tadeu [...]”, este encontro também foi citado por Andreola. Dornelles também relembra que com estes encontros, era possível que os professores deixassem seus departamentos de lado e interagissem, passando a estabelecer outros vínculos e, para ela, “Merion conseguia fazer isso muito bem”. Pensando nos dias de hoje, parece que isso não acontece mais na Faculdade, são tempos em que se observa um maior individualismo, em que há pouco espaço para o coletivo de professores e estudantes da FAGED. Bordas (2012) assinalou isto na entrevista que concedeu a professora Dóris.

Ao longo de sua vida profissional, Merion foi se construindo como docente. Valho-me das palavras de Dornelles (2017) quando diz que “em todo esse processo, ela foi criando sua professoralidade da escuta do outro”. Isso, para os entrevistados, era uma de suas marcas. Quando perguntei a Andreola (2017) se Bordas gostava de dar aula, ele respondeu que ela não gostava, “ela adorava dar aula, a Merion era uma professora apaixonada [...] ela era muito

competente, uma pessoa muito culta”. Na opinião de Lock (2017) Merion era uma pessoa muito fácil de conviver no dia-a-dia. Ele considera que a maior marca de Bordas estava relacionada com

essa busca pelo novo, a paixão pelo trabalho, a facilidade de relacionar-se e de estabelecer vínculos que não eram apenas profissionais, eram vínculos também de afetividade e uma super seriedade com o trabalho, ela era uma gestora nata (LOCK, 2017)

No período que Merion ocupou o cargo de diretora da Faculdade, Lock (2017) relembra que “ela estava sempre com o gabinete aberto, recebia todos, ouvia todos”. O entrevistado a considera uma gestora nata, Bordas conseguia resolver as divergências que aconteciam “de uma forma muito civilizada, muito cordial e muito respeitosa” (LOCK, 2017). Ele relembra que Merion era uma pessoa que dificilmente se desesperava.

Outro aspecto que merece ser discutido é a inserção de Merion Bordas no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UFRGS), com o propósito de analisar as ressonâncias de sua atuação como professora pesquisadora, pois foi responsável pela formação de uma quantidade considerável de mestres e doutores em Educação, no tempo em que esteve atuante como orientadora no referido Programa.

O primeiro curso de pós-graduação na Faculdade de Educação, como relembra Bordas (2010), iniciou-se no ano de 1972. Em 1977, aos 44 anos, Merion (2010) rememora a defesa de sua Tese de Doutorado, defendida no PPGEDU/ UFRGS. Logo depois, inicia sua trajetória como professora da pós-graduação.

Ao analisar as entrevistas, constatei que, na década de 1980, os currículos dos Cursos de Mestrado e Doutorado passaram por grandes mudanças em sua estrutura. Foi na entrevista com Dornelles (2017) que consegui entender o que significou a presença de Bordas no PPGEDU/UFRGS. Quando perguntada como havia sido a atuação da professora Merion na pós-graduação, lembrou que “foi muito genial porque ali começou a se instalar a marca de uma mudança radical no currículo da pós-

graduação e Merion encabeçou essas mudanças [...]”. Também relembra que foi um momento muito proveitoso para o Programa, pois “[...] ela trazia projetos [...]” nacionais e internacionais, levando o PPGEDU para outro nível.

Segundo Dornelles (2017), a principal ruptura que ocorreu foi na primeira reorganização do currículo do Programa. Até aproximadamente 1985, os alunos não tinham flexibilidade para escolher as disciplinas que desejavam cursar. A partir deste período, os discentes passaram a ter liberdade de organizar o currículo como melhor entendessem. Neste momento, foi descentralizado o poder de decisão, alunos e professores passaram a dialogar, estabelecendo uma nova relação.

Vejo como uma marca da professora Merion este “extramuros” (ALMEIDA & LIMA, 2016, p. 1364). Assim, como idealizou em Programas que elaborou, conseguiu fazer o mesmo com o PPGEDU, lançando-o para além da Universidade. Concluo que o desejo pelo novo, como relembra Lock (2017), era a *mola propulsora* que movia suas ações.

Essa incansável busca pelo novo iria se esgotar rapidamente se o Programa de Pós-Graduação continuasse restrito aos saberes presentes na instituição. Dornelles (2017) relembra que foi nesta busca que Merion fortificou o movimento dos professores saírem do país para fazerem seus Mestrados e Doutorados. Assim, poderiam trazer as questões que estavam sendo discutidas nos outros lugares para dentro da Universidade.

O primeiro aluno de Mestrado da professora Merion foi Maurivan Güntzel Ramos. Defendeu sua dissertação no ano de 1981. Atualmente, trabalha na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Orientou 17 teses de Doutorado e 30 dissertações de Mestrado. Tive acesso a 16 teses e 28 dissertações. Penso que essa diferença entre os números se deve ao fato de que ela deve ter contabilizado também as atividades em que foi coorientadora. Organizei estes trabalhos em uma tabela para melhor apresentar os temas que orientava.

TÍTULO	DISSERTAÇÃO/TESE	AUTOR	ANO	ASSUNTO/PALAVRA-CHAVE
O desenvolvimento da atitude científica em função de atividades de ensino universitário que utilizam a investigação experimental	Dissertação	Maurivan Güntzel Ramos*	1981	Ensino superior; Metodologia científica; Desenvolvimento
Educação para saúde de clientes hipertensos	Dissertação	Maria das Graças de Paiva Nicolete **	1982	Educação em saúde
A atitude dos professores do ensino superior frente aos fatores que condicionam a implementação de um tipo de experiência interdisciplinar: um estudo descritivo	Dissertação	Sueli Petry da Luz **	1982	Interdisciplinaridade; Currículo; Professor; Ensino superior
Formação do educador no curso de pedagogia de Caicó-RN : reprodução ou transformação social?	Dissertação	Marta Maria de Araujo **	1985	Função social; Curso de pedagogia; Graduação
O desafio da integração conhecimento afetividade: vivência e descobertas em escolas de periferia urbana	Dissertação	Raquel Maria Rossi Wosiack	1987	Conhecimento; Afetividade; Ensino de primeiro grau
Condições atuais e perspectivas do ensino de química no segundo grau : um estudo em escolas de Natal/RN	Dissertação	Ibiraci Maria Fernandes Rocha	1987	Química; Ensino de segundo grau
A educação matemática e a construção do número pela criança : uma experiência na 1.série em diferentes contextos sócio-econômicos	Dissertação	Ana Cristina Souza Rangel	1987	Matemática; Ensino; Séries iniciais
Discursos e tendências sobre o fazer pedagógico : o papel e os desempenhos do supervisor de educação	Dissertação	Raimundo Helvécio Almeida Aguiar *	1987	Supervisor escolar; Desempenho

A mulher e o trabalho: uma análise psico-sociológica da opressão	Dissertação	Jane Maria Costa Pozatti	1989	Mulher; Mulheres; Trabalho
A educação da saúde na escola de primeiro grau : possibilidades e limitações	Dissertação	Sotero Serrate Mengue *	1989	Saúde; Saúde escolar; Ensino de primeiro grau
Conscientização e educação popular : uma experiência no ensino supletivo noturno	Dissertação	Maria Martha Dalpiaz***	1989	Educação popular; Conscientização; Ensino supletivo
Crianças oprimidas: autonomia e submissão	Tese	Nara Maria Guazzelli Bernardes *	1989	Condição social; Criança; Periferia urbana
Educação de jovens e adultos trabalhadores: análise de uma proposta educativa no cotidiano de professores e alunos	Dissertação	Rosa Lucia Grassi Scomazzon	1991	Educação de jovens e adultos; Aluno trabalhador
Lecto-escrita e autonomia na pré-escola	Dissertação	Leni Vieira Dornelles *	1991	Educação pré-escolar; Professor autonomia; Escrita; Leitura; Alfabetização; Classes populares
Histórias de leitura na vida e na escola: uma abordagem linguística, pedagógica e social	Dissertação	Maria Isabel Habckost Dalla Zen *	1991	Leitura; Pesquisa qualitativa; Educação popular
Construtivismo na escola pública: (re)construções de conhecimentos e práticas de professoras alfabetizadoras	Dissertação	Inês Cristina de Melo Mamede **	1992	Professor alfabetizador; Prática pedagógica; Alfabetização; Construtivismo
Construção do currículo de ciências no cotidiano escolar: a distância entre intenção e realização	Dissertação	Claiton Jose Grabauska *	1992	Ciências; Cotidiano escolar
Formação de professores para a educação infantil: análise de uma habilitação	Dissertação	Maria Bernadette Castro Rodrigues *	1993	Professor; Formação; Educação infantil; Curso de pedagogia
Da construção da subjetividade a produção textual	Dissertação	Arcanjo Pedro Briggmann*	1993	Subjetividade; Produção de textos; Ensino; Língua portuguesa; Produção textual

Representações de mulheres-professoras: incursões nos espaços público e privado	Dissertação	Corina Michelin Dotti *	1994	Mulher; Trabalho; Professor; Atividades docentes
A polifonia na sala de aula: um estudo do discurso pedagógico	Tese	Rosa Maria Hessel Silveira *	1995	Discurso pedagógico; Análise
Gênero, classe e profissionalismo no trabalho de professoras e professores de classes populares	Tese	Marisa Cristina Vorraber Costa *	1995	Professor; Atividades docentes; Ensino do primeiro grau; Mulher; Classe popular
A formação do professor de história em tempos neoliberais e pós-modernos	Dissertação	Carmem Rangel da Silva*	1996	Paradigma; Filosofia da educação; Formação; Professor; História; Ensino
Hibridizações no cotidiano escolar: escola e tecnologias da comunicação e informação	Dissertação	Deise Juliana Francisco**	1998	Computador na educação; Cotidiano escolar
As reformas na estrutura curricular de licenciaturas na década de 90: um estudo de caso comparativo: UFRGS (Brasil) - UMCE (Chile)	Tese	Elizabeth Diefenthaler Krahe *	2000	Reforma curricular; Professor; Formação; Licenciatura; Matemática; Letras; Educação comparada
Conversando com educadoras e educadores de berçário : relações de gênero e de classe na educação infantil	Dissertação	Maria Luzia Rodrigues Flores * (FACED)	2000	Professor; Berçário; Gênero; Classe social; Ensino público municipal
Lógicas subjacentes à formação do professor para a escolaridade inicial	Tese	Arnaldo Nogaro*	2001	Ensino fundamental; Séries iniciais; Curso de pedagogia; Magistério; Escola normal
Professor: autor de sua profissão	Dissertação	José Francisco Flores *	2001	Professor; Formação; Prática pedagógica; Sociedade; Participação social; Reforma do ensino; Teoria crítica
A formação contínua de professores para o ensino fundamental regular noturno de jovens e adultos na Escola GM: ações, tensões e contradições de uma política pública municipal	Dissertação	Nelton Luis Dresch *	2001	Educação continuada; Educação de jovens e adultos; Ensino noturno; Ensino público municipal; Prática pedagógica; Currículo; Política educacional; Professor; Formação

Ser aluna, ser professora : uma aproximação das significações sociais instituídas e instituintes construídas ao longo dos ciclos de vida pessoal e profissional	Tese	Helenise Sangoi Antunes*	2001	Representação social; Professor; Formação; Escolha profissional; Prática pedagógica; Aluno egresso; Curso de pedagogia; Imaginário social
Formação de professores: um olhar sobre a pesquisa educacional como espaço curricular em ação: UNEMAT - Sinop/MT	Dissertação	Claudete Inês Srockynski**	2002	Professor; Formação; Ensino superior; Curso de pedagogia; Currículo; Pesquisa educacional; Disciplina
Processos de inovação curricular: a experiência dos cursos de Agronomia e Engenharia Florestal do Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Maria	Dissertação	Venice Teresinha Grings*	2002	Inovação educacional; Projeto pedagógico; Reforma curricular; Engenharia florestal; Agronomia; Ensino superior; Educação rural; Educação do campo; Currículo
A racionalidade da pedagogia e perspectiva de construção de uma pedagogia do entendimento intersubjetivo com base na razão comunicativa	Tese	Celso José Martinazzo *	2004	Filosofia da educação; Racionalidade; Hermenêutica; Dialética; Razão comunicativa; Pedagogia: construção; Identidade; Curso de pedagogia
A participação no Curso de Pedagogia da UFRGS: os diferentes olhares	Dissertação	Marta Quintanilha Gomes*	2004	Pedagogia; Ensino superior; Participação; Formação profissional; Estudante
Aprendendo a ler/ver televisão na educação de jovens e adultos: desafios e possibilidades	Dissertação	Simoni Viezzer	2005	Televisão (comunicação); Educação de jovens e adultos; Ensino público; Mídia
Infâncias em uma vila popular urbana: pequenos sonhos na rudeza do cotidiano	Tese	Taciana Camera Segat *	2007	Infância; Creche comunitária; Ensino público municipal; Educação infantil; Política educacional
Constituição da profissionalidade docente na educação superior: desafios e possibilidades	Tese	Vera Lúcia Bazzo **	2007	Professor; Formação; Ensino superior
O processo de construção de identidades individuais e coletivas do	Tese	Marinilson Barbosa da Silva **	2008	Ensino à distância; Identidade; Professor; Formação; Ensino superior
O desafio da mudança na formação inicial de professores: o estágio curricular no curso de licenciatura em Educação Física	Tese	Alexandre Scherer	2008	Prática pedagógica; Estágio supervisionado; Educação física

Formação do professor em serviço: da (re)construção teórica e da ressignificação da prática	Tese	Jerônimo Sartori **	2009	Curso de pedagogia; Séries iniciais; Professor; Prática pedagógica
Educação ambiental no ensino superior: estudo de caso no curso de agronomia	Tese	Venice Teresinha Grings*	2009	Educação ambiental; Ensino superior
Dizer e experimentar o ser/estar professor na formação inicial de professores de matemática	Tese	Lucia Helena Marques Carrasco *	2010	Professor; Formação; Prática de ensino; Conhecimento; Poder; Experiência
A vida como valor para orientar a educação ambiental : uma análise do marco regulador brasileiro	Tese	Sérgio Faoro Tieppo *	2011	Educação ambiental; Sustentabilidade; Qualidade de vida
A formação lúdica docente e a universidade: contribuições da ludobiografia e da hermenêutica filosófica	Tese	Tânia Ramos Fortuna *	2011	Professor; Formação; Hermenêutica; Filosofia; Ludicidade

* Professores que atuam em instituições de ensino superior no RS. São: UFRGS; UCS; UFSM; UNIJUÍ; UFCSPA; URI; PUC-RS; UniRitter;

** Professores que atuam em instituições de ensino superior no Brasil. São: UFRN; UFC; UFSC; UFPB; UNEMAT; UFAL; UNIVALI; UFFS Campus Erechim

*** Atualmente atua como professora/orientadora de diferentes cursos de pós-graduação atuando em diferentes instituições de ensino superior.

Através da análise da tabela, percebe-se que as temáticas de pesquisa orientadas por Merion Bordas estavam ligadas, em sua maioria, ao ensino superior, ensino básico, formação de professores, ao Curso de Pedagogia, entre outros, como: educação de jovens e adultos, classes populares, Filosofia da Educação, mulher (es), trabalho e ensino. Outro ponto que chama atenção é que orientou alunos de diferentes regiões do país, do sul ao nordeste. Penso que a razão de tamanha abrangência territorial se deve ao fato de ela ser uma pesquisadora reconhecida nacionalmente. Percebe-se que os trabalhos que orientou não obedecem uma linearidade. Eram temas que estavam vinculados a diferentes campos do saber. Mas, a partir dos anos 2000, nota-se que os trabalhos que instruiu estavam relacionados, em geral, à formação de professores e ao Ensino Superior. Dornelles (2017) falou que “quando tu pedias ajuda, ela (Merion) fazia, ela entrava em muitos temas, mas nos últimos tempos a dedicação dela era na formação de professores, era com o ensino superior”.

A maioria dos que foram orientandos da professora Merion, agora são docentes que atuam no ensino superior e em grande parte em instituições federais, alguns são aposentados. Bordas formou gerações de mestres e doutores em Educação, colaborou na construção de muitos pesquisadores. Esta intelectual da educação estimulava em seus alunos “esse amor pelo público, esse respeito pelo institucional” (LOCK, 2017), via neles futuros servidores públicos.

Destaco os professores que atuam na UFRGS e que foram orientados por Bordas. Alguns atuam em demais unidades da Universidade, estes são: *Raimundo Helvécio Almeida Aguiar*, Sotero Serrate Mengue, Lucia Helena Marques Carrasco. Porém a maioria deles atua na FACED, que são: Leni Vieira Dornelles, *Maria Isabel Dalla Zen*, *Maria Bernadette Castro Rodrigues*, Rosa Maria Hessel Silveira, *Elizabeth Diefenthaler Krahe*⁹, Maria Luiza Rodrigues Flores, Nelton Luis Dresch, Tânia Ramos Fortuna¹⁰.

⁹ O itálico sinaliza os professores que já estão aposentados.

¹⁰ Tânia Ramos Fortuna é Doutora em Educação e atualmente atua como docente na Faculdade de Educação.

A professora Tânia Ramos Fortuna foi sua última orientanda. Nos conjuntos de entrevistas que compõem o Arquivo do Memória FAGED, uma das entrevistadas foi justamente Fortuna. Sobre Bordas ela rememorou:

Merion foi a nossa paraninfa. E é interessante que eu a tenha reencontrado em tantas outras voltas da minha vida nessa faculdade. Finalmente ela voltou a ser essa figura de referência importante quando ela veio a ser a minha orientadora do doutorado.

A professora Tânia defendeu sua tese em 2011. Neste momento, Merion já estava com a saúde bem debilitada. Para Kindel (2017) foram “duas mulheres excepcionais” que tiveram a oportunidade de se encontrar e desenvolver um trabalho juntas.

Outro aspecto que merece ser discutido foram os projetos que Merion elaborou na UFRGS. Ao analisar o conjunto de entrevistas que produzi, constatei que, para os entrevistados, foram três os principais Programas idealizados por ela. Estes são: Programa de Integração Universidade e Escolas de 1º Grau de Periferia Urbana da Grande Porto Alegre (PERICAMPUS), Programa de Atividades de Aperfeiçoamento Pedagógico (PAAP) e o Projeto de Educação à Distância (PEaD) na FAGED.

O primeiro que apresento é o Programa PERICAMPUS. Este aconteceu entre os anos de 1981 a 1991 na Universidade. Definido como “proposta de ação interdisciplinar que integrava o ensino, pesquisa e extensão” (ALMEIDA, 2015, p. 133), indo ao encontro do que a Universidade se propunha naquele contexto de final do regime militar. Inicialmente integrava o Programa alunos do Curso de Medicina. Após discentes de outros Cursos se envolveram: Odontologia, Psicologia, Educação Física, Letras e Engenharias.

Pela idealização da professora Merion, a Faculdade de Educação foi a última a integrá-lo. Participar deste projeto foi uma marca importante para Faculdade. Faço uso das palavras de Almeida & Lima quando falam que

Talvez esta tenha sido a ação mais contundente da Faculdade de Educação nos anos 1980. O PERICAMPUS é um ícone da FAGED, representa os movimentos próprios de um tempo em que era preciso dizer não ao passado recente e apostar em um

futuro melhor para a Universidade e para o país. (2016, p. 1364)

Dentro da FAGED existiam três subprojetos do Programa PERICAMPUS. “Os subprojetos do PERICAMPUS levavam para as salas de aula possibilidades de um ensino interdisciplinar, voltado especialmente para o desenvolvimento de saberes próprios da Língua Portuguesa e da Matemática” (ALMEIDA & LIMA, 2016, p.1361).

Neste momento, aconteceu a aproximação com as escolas e com a sociedade. Bordas acreditava “que as pessoas deveriam ter voz e ter lugar para suas vozes” (DORNELLES, 2017). Para Dornelles (2017) “o PERICAMPUS foi um momento em que a FAGED foi pra dentro das comunidades, foi pra dentro das escolas [...] foi um dos momentos mais bonitos que a faculdade teve”.

O PERICAMPUS, enquanto programa (Universidade) e projeto (Faculdade), assemelha-se ao que hoje é o PIBID. Ambos têm o mesmo princípio, que é o de aproximar os alunos da Universidade das escolas públicas. A diferença entre os dois é que o PIBID destina-se especificamente para alunos das licenciaturas e é um Programa que atinge universidades de todo o país, enquanto o PERICAMPUS constituiu-se em uma ação da UFRGS.

No momento em que foi criado, o país estava nos últimos anos da ditadura civil militar. Foi significativo para a Universidade que esse Programa acontecesse neste período. Era o instante de se aproximar da comunidade. Deve ter sido essa uma das motivações que levaram Merion Bordas a trazê-lo para a Faculdade de Educação. A perspectiva do novo era motivadora para ela (LOCK, 2017). O Programa teve duração de dez anos e acabou porque, segundo Bordas, “tudo tem um tempo, e eu não queria mais né, não tava mais afim...” (2012). Para ela, os últimos anos do PERICAMPUS foram cansativos, acabou acumulando muitas funções. A dedicação de Merion não era exclusiva para este projeto, também tinha outras atribuições com a Faculdade, o que acabava assoberbando-a de trabalhos. Isso, ao meu ver, ocasionou na desmotivação inicial que ela tinha.

A professora Merion também participou da criação do Programa de Atividades de Aperfeiçoamento Pedagógico (PAAP). Isto ocorreu a partir do período que ocupou a Pró-Reitoria de Graduação (1992 – 1996). Nas palavras de Dornelles (2017) Bordas idealizou este Programa “porque se entendia que os professores das outras graduações precisavam estar mais atentos às questões da educação, as questões metodológicas e didáticas”. O objetivo do PAAP era possibilitar aos novos professores que conhecessem a Universidade como um todo, além de suas unidades. Atualmente, este Programa ainda está em atividade. Todos os professores que ingressam na UFRGS devem cursá-lo. É dividido em três módulos e os docentes que participam tem até 30 meses para concluí-lo.

No último mandato como diretora da FACED, mais especificamente no ano de 2003, Merion envolveu-se na elaboração do Projeto de Educação a Distância (PEaD) na Faculdade de Educação. Lock (2017) relembra que foi Bordas “que articulou o primeiro curso, o primeiro oferecimento de Pedagogia à distância”. Este projeto ele considera como um vestígio da presença de Bordas na FACED/UFRGS.

Na entrevista concedida ao Arquivo da FACED, a professora Merion (2012) compartilhou suas memórias referentes ao início do PEaD na Faculdade. Lembra que, no início, esta unidade não queria aceitar o curso e que foi ela que “forçou um pouco a barra” (BORDAS, 2012) para que aceitassem. Para ela como poderia a FACED ficar fora deste Projeto, por receio de não saber como funcionaria? (BORDAS, 2012). Dornelles (2017) relembra que este foi “a menina dos olhos” de Merion.

Penso que por “sempre buscar o novo” (LOCK, 2017) Merion entendia que aquele era o momento da Faculdade se inteirar deste processo diferente de se fazer educação. Para conseguir instalar este projeto foi necessário que Bordas fizesse alianças (DORNELLES, 2017).

Ao que pude sentir ao longo das entrevistas que realizei e também após a análise das que estão no Arquivo do Memória FACED é que são muitas as lembranças que perpassam esta intelectual da educação. Constatei o que Pacheco (2010) fala sobre o ser humano existir “somente dentro de uma rede

de relações” (p. 222). Enquanto as pessoas que conviveram, direta ou indiretamente, com Merion existirem suas memórias também continuaram perpetuando-se.

4 CONCLUINDO A VIAGEM

Para concluir o presente trabalho, percorri caminhos pouco conhecidos por mim. Foi necessário me aproximar do campo de pesquisas em História da Educação, ou seja, precisei avançar em direção a conhecimentos, os quais eu pouco sabia. Confesso que, em diversos momentos, questioneimei-me se daria conta do que me propus a escrever. Mas, agora, ao chegar ao final deste percurso, percebi que a *viagem* que embarquei foi muito gratificante.

Esta pesquisa teve por objetivo construir o percurso profissional percorrido por Merion Campos Bordas na UFRGS, sobretudo dentro da FAGED. Assim, vejo que produzi uma primeira biografia sobre esta intelectual da educação.

Ao longo da graduação, estive inserida na Faculdade de Educação. Foram quatro anos, nos quais não me aproximei do passado desta instituição. A partir das pesquisas e leituras que realizei, consegui compreender os movimentos que envolveram a constituição da FAGED, entre eles, alguns efeitos da ditadura civil militar na mesma.

Ao trabalhar com o gênero biográfico, foi importante compreendê-lo, pois, facilmente poderia cair na armadilha de apenas engrandecer a docente Merion Bordas. Trago aqui mais uma vez as palavras de Pintassilgo e Teixeira, pela sua relevância no processo desta pesquisa:

Não se trata de descrever um percurso de vida tido como transparente em correspondência plena com a suposta realidade de sua existência. Somos sim confrontados com o desafio de reescrever, num certo sentido, uma vida, de reinterpretar o sentido de uma existência, sabendo, à partida, que esta assume uma pluralidade de sentidos, os quais lhe são atribuídos pelo próprio biografado, por aqueles que com ele conviveram e agora, num outro plano, por todos aqueles que, a partir de diferentes pontos de observação, procuram compreender o mistério dessa vida, mesmo sabendo que nunca conseguirão penetrar totalmente na sua interioridade (2015, p.63-64).

É preciso apresentar a vida do biografado, contextualizando-a com o tempo histórico. Foi isto que tentei fazer ao apresentar os caminhos percorridos por Bordas na FACED/UFRGS. Este foi apenas um primeiro movimento de escrita sobre Merion Bordas. Há uma gama de desdobramentos que podem ser feitos a partir deste trabalho inicial. Assim, como Pintassilgo e Teixeira (2015) falam, nunca conseguiremos penetrar totalmente na vida do biografado. Sempre restarão pontos, os quais podemos nos ancorar para realizar uma nova pesquisa.

A principal marca que caracteriza esta docente é sua incansável busca pelo *novo*. Ao longo da escrita deste trabalho, sinto que esta perspectiva acompanhou todo o processo de pesquisa. Durante sua trajetória profissional, esteve à frente de diferentes trabalhos na Universidade (PERICAMPUS, PAAP e PEaD). Também participou de comissões vinculados ao MEC. Era uma professora reconhecida nacionalmente.

Depois de examinar cuidadosamente a documentação da pesquisa, percebo que as marcas deixadas pela biografada na FACED projetam esta instituição, nos cenários estadual e nacional. Merion criou uma espécie de identidade para esta unidade da UFRGS. Durante os 43 anos em que aqui esteve, lutou em favor da educação pública de qualidade, defendeu a ampliação das possibilidades de acesso à formação docente, lutou pelo fortalecimento da democracia em todas as instâncias da Faculdade. Afetividade e combatividade são atributos que definem a pessoa de Merion Bordas.

Se estivesse atuante na FACED, podemos conjecturar, considerando sua trajetória profissional, que continuaria combativa. Muito provavelmente, estaria engajada nos assuntos que atingem a Universidade pública. Não estaria indiferente às greves de docentes (2015, 2016), ao golpe parlamentar que depôs a Presidenta Dilma Roussef (2016), e, podemos acreditar, que apoiaria as ocupações dos prédios da Universidade pelos estudantes (2016), bem como as eleições paritárias para direção da Faculdade de Educação. Por tudo o que me foi dito, aposto que esta professora estaria envolvida nestas discussões e convocaria a comunidade acadêmica para seguir lutando em defesa da UFRGS e da democracia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B.. Esquecidas em um armário: redações escolares desenvolvidas no Programa PERICAMPUS/UFRGS (1987-1991). Revista Educação em Questão (Online), v. 53, p. 132-158, 2015.

ALMEIDA, DORIS BITTENCOURT; LIMA, VALESKA ALESSANDRA DE . Um Lugar Memorável: a Faculdade da Educação/UFRGS, entre afetos e trabalho (1970-2016). Educacao e Realidade, v. 41, p. 1347-1370, 2016.

ALMEIDA, DORIS BITTENCOURT; DE LIMA, VALESKA ALESSANDRA ; DA SILVA, THAISE MAZZEI . A constituição da faculdade de educação/UFRGS em tempos de ditadura militar (1970 - 1985). Tempo e Argumento, v. 5, p. 317-346, 2013.

ALMEIDA, DORIS BITTENCOURT; LIMA, VALESKA ALESSANDRA DE . Um Lugar Memorável: a Faculdade da Educação/UFRGS, entre afetos e trabalho (1970-2016). Educacao e Realidade, v. 41, p. 1347-1370, 2016.

ANDREOLA, Balduino. Entrevista oral. Porto Alegre (Rio Grande do Sul), 03 de abril de 2017.

ANDREOLA, B. A.; BORDAS, Merion Campos . Os quarenta anos da Faculdade de Educação da UFRGS. Educação e Realidade, v. 35 n.2, p. 299-319, 2010.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Revista Estudos Históricos, v. 11, n. 21, 1998.

BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, M.. História, Memória e História da Educação. In: BASTOS, M. Helena C.; STEPHANOU, Maria. (Org.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil - Século XX - vol.III. 3ed.Petrópolis/RJ: Vozes, 2009, v. 3, p. 416-429.

BORDAS, Merion C.. Entrevista oral. Porto Alegre (Rio Grande do Sul), 06 de dezembro de 2012.

BRASIL, Decreto-lei N. 4.244 - 9 de abril de 1942.

BRUNETTO, Giancarla M., Com Dor. 2008 (Documentário)

CELESTE FILHO, Macioniro. A Reforma Universitária e a criação das Faculdades de Educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas - SP, v. 4, p. 161-188, 2004.

DORNELLES, Leni. Entrevista oral. Porto Alegre (Rio Grande do Sul), 12 de abril de 2017.

ERRANTE, Antoinette. *Mas afinal, A Memória é de Quem?* Histórias orais e modos de lembrar e contar. *História da Educação*. Vol. 4, n. 8. Pelotas: UFPel. Setembro, 2000, p. 141 – 174.

KAUFMANN, Jean-Claude. A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

KINDEL, Eunice. Entrevista oral. Porto Alegre (Rio Grande do Sul), 12 de abril de 2017.

LOCK, Giovani. Entrevista oral. Porto Alegre (Rio Grande do Sul), 02 de maio de 2017.

NÓVOA, António, Os professores e as história de sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. 2ed. Portugal: Porto editora, 1998, p. 11-30.

NÓVOA, Antônio. Por que a História da educação?. In: BASTOS, M. Helena C.; STEPHANOU, Maria. (Org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil - Século XX - vol.III*. 3ed.Petrópolis/RJ: Vozes, 2009, v. 3, p. 9-13.

NÓVOA, António, Carta a um jovem historiador da educação, *Historia y ... Historia y Memoria de la Educación*, 1 . 23-58, 2015

PACHECO, Vavy. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla B. (Org). *Fontes Históricas*. 2ed., 2ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2010, p. 203-233.

PINTASSILGO, Joaquim; TEIXEIRA, Anabela. Novos olhares sobre as abordagens biográficas. In História da Educação: Fundamentos teóricos e metodologias de pesquisa: balanço da investigação portuguesa (2005-2014), 57 - 83. 2015. Porto: CITCEM – HISTEDUP – IEULisboa.

SCHMIDT, Benito. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, Benito (Org.). O biográfico: perspectivas interdisciplinares. 1ed. Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2000, p. 49-70.

VIEIRA, S. R.. A TRAJETÓRIA DO CURSO DE PEDAGOGIA - DE 1939 A 2006. In: 1º simpósio nacional de Educação e XX Semana de Pedagogia - O PDE e o Atual Contexto sócio-educacional, 2008, Cascavel - PR. Anais. Cascavel: UNIOESTE, 2008. v. 1. p. 1-15..